



Etnografitti

Arte e ayahuasca na zona norte do Rio de Janeiro

Gabrielle Dal Molin
Mestre em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
gabi_dalmolin@yahoo.com.br

Apresentação

Durante minha pesquisa de mestrado intitulada *Floresta Manifesta: arte e ayahuasca em contextos urbanos brasileiros* realizada nos anos de 2014, 2015 e 2016, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da e sob orientação da Prof^a Dr^a Lisabete Coradini, fiz entrevistas com cinco artistas que desenvolviam seu trabalho sob inspiração de sua vivência ritual com este chá de origem amazônica.

Em uma tarde de junho de 2015, Tiago Tosh, ex-morador e frequentador dos bairros da Zona da Leopoldina, Zona Norte do Rio de Janeiro, me recebeu em uma casa na qual funciona um estúdio de tatuagem e onde se reúnem seus amigos, grafiteiros e adeptos da religião do Santo Daime como ele. A crew¹ é conhecida por “Classe D” e realiza trabalhos na mesma perspectiva da que ele participava quando morava no Acre. O “Etnografitti” termo foi cunhado durante a elaboração de um projeto para um edital da cidade, é adotado por ele para designar sua arte pautada em personagens, formas, cenários e narrativas inspirados nos índios amazônicos, os quais fazem uso da ayahuasca².

As fotos deste encontro foram produzidas por mim com uma câmera Canon 60D e editadas num editor de foto simples. Algumas dessas estão presentes em minha dissertação e o método de seleção das imagens, em ambos os casos, partiu da relevância dada na fala do artista aos símbolos e narrativas apresentados nos desenhos, ou seja, a interpretação das imagens se fez pela própria existência de significado dentro do “discurso nativo”, da operação semântica expressa pelo artista, pois como aponta Cassirer (2006, p. 32),

“O sinal é uma parte do mundo físico do ser (*being*), um símbolo é uma parte do mundo humano do significado (*meaning*)”. Dessa forma, privilegiou-se a relação estabelecida pelo autor com sua obra, possibilitando que os objetos de arte aqui considerados, possam ser vistos como pessoas, sujeitos de relações, matrizes de relações sociais nas quais estão inseridos (GELL, 1998).

Nesse grafitti feito por Tosh, na casa onde se reúne a “Classe D”, no bairro de Olaria, no Rio de Janeiro, é interessante observar a diversidade de referências utilizadas pelo artista na composição dessa figura indígena. A flor de lótus e o terceiro olho remetem à tradição hindu, que em sua fala aparece fazendo relação ao ecletismo intrínseco à cosmologia do Santo Daime; os *kenes*, grafismos sagrados típicos das etnias Pano e que mantém relação direta com o xamanismo; os brincos típicos dos Matis, participantes deste grupo linguístico; o fazer xamânico, representado na continuidade homem-planta (cor verde), a qual ele compreende ser bastante determinado pelo conhecimento tátil do pajé, e por isso as árvores crescem das mãos. Apesar de dar ênfase no sentido do tato, é através de outro sentido, o da visão, que ele representa suas ideias sobre o tema. A sabedoria corporal na interação com as “plantas de poder” carrega um sentido visionário, demonstrado por ele através da prevalência do olho, o qual pode habitar outras partes do corpo, como as mãos. Dentro do que chamamos de “pensamento moderno ocidental”, a visão alcançou o topo da hierarquia dos sentidos, não ocupando, porém, este mesmo lugar na cultura de outras civilizações (INGOLD, 2008).



Graffiti *in door* de Tiago Tosh.

Foto: Gabrielle Dal Molin.

Este outro grafitti de Tosh me chama a atenção por dois pontos: o primeiro é a representação direta dos dois componentes da ayahuasca, o cipó *Banisteriopsis caapi* e a folha *Psychotria viridis*, sobretudo do cipó como um cajado, o que revela bastante originalidade de Tiago, em desenhar o instrumento presente na representação de alguns orixás e entidades afro-brasileiras como se sua matéria-prima fosse o cipó sagrado. Em segundo lugar, a presença da cabaça que está no cajado, que em um momento da entrevista, ele diz que a utiliza como ornamentação dos cajados por ter descoberto que “quem protege na rua não são os orixás, nem Deus, Jesus, quem protege é o povo da rua”, e este povo da rua estaria ligado às energias de Exu. É necessário dizer que a proteção que ele busca é contra “qualquer imprevisto que possa acontecer”, inclusive, ressalta ele, a polícia, mostrando que o grafitti ainda sofre repressão do Estado. Em terceiro, por fim, destaca-se a mistura de cosmologias na figura dos curumins encantados, cuja existência angelical no catolicismo, é mesclada às feições indígenas e ao instrumento presente na música executada nas sessões do Santo Daime. O violão, nesse sentido, é o elemento síntese entre as duas tradições religiosas, funcionando como o catalisador da origem indígena do chá e de sua ritualização nas igrejas daimistas. Isto também acontece em outras pinturas, nas quais estão presentes, sob a mesma personificação, elementos diversos que representam tanto a cosmologia indígena, quanto a doutrina do Santo Daime.



Graffiti de índios e animais amazônicos.
Foto: Gabrielle Dal Molin.



Graffiti que faz uma representação da floresta no muro da casa.

Foto: Gabrielle Dal Molin.

Além das grandes árvores típicas de uma floresta tropical como é a Amazônia, estão presentes representações do universo, com galáxias e planetas. É possível identificar na cosmologia daimista o que Mircea Eliade chama de “hierofania uraniana” (MONTEIRO DA SILVA, 1983), ou seja, a mitificação de elementos celestes, que vai desde a denominação das igrejas do Santo Daime como “Céus” até as referências ao “Comando Estelar”, que seria uma hierarquia de guardiões estelares que nos protegem (BERCÊ, 2007) e aos hinos como o “O Santo Daime é Estelar”, que compreende que não só o Santo Daime tem origem em outras partes do cosmos, como toda a humanidade.



Graffiti feito por outro membro da *crew*.
Foto: Gabrielle Dal Molin.

Este graffiti também foi realizado por outros membros da *crew* “Classe D” e representa mais uma figura indígena, que assim como na primeira foto deste ensaio, tem a pele verde. A utilização dessa cor remete, assim como no desenho de Tiago, à conexão do índio com as plantas, observando-se também que existe uma espécie de aura mágica que envolve este ser e que seus olhos são azuis, possivelmente na tentativa de conferir uma filiação extraterrena, não realista e mais voltada para a representação de um ser mágico, divino.

A casa fica localizada no bairro de Olaria, muito próxima ao Complexo do Alemão, uma das maiores comunidades do Rio de Janeiro, onde fica o ponto de daime, cujos participantes da “Classe D” são responsáveis por organizar. A Serra da Misericórdia, área de proteção ambiental localizada no Complexo, foi o local escolhido pelo fundador do Céu do Mar, padrinho Paulo Roberto, para sediar o ponto, que se difere das igrejas por fazer trabalhos menores, por serem mais “familiares”. Nele é realizado um trabalho por mês, enaltecido pelo artista como algo extraordinário, por ser totalmente incomum dentro das favelas. Ressalta também que a população desses lugares geralmente é preconceituosa, porque dominam as igrejas evangélicas, mas que, até hoje, não houve problemas porque o ponto funciona na sede de uma ONG, o Centro de Educação Multicultural, o qual desenvolve ações de agroecologia, feiras orgânicas, entre outros projetos. O fato desse ponto se localizar dentro de uma área de preservação de Mata Atlântica, onde ele diz que não tem mais favela, auxilia não só na convivência pacífica dentro da comunidade, como também no plantio das espécies que servem de matéria-prima para o chá do santo daime.



Cipó mariri (*Banisteriopsis caapi*) e ao fundo um grafitti.

Foto: Gabrielle Dal Molin.



Cipó mariri (*Banisteriopsis caapi*),
também chamado de jagube.

Foto: Gabrielle Dal Molin.

A possibilidade de ter um cipó de jagube no quintal conduz à reflexão sobre a não linearidade entre o verde e o urbano, marcada não só pela urbanização das áreas verdes, mas também pelo “florestamento” das áreas urbanas, colocando em cheque os limites do urbano e da mata em cidades como o Rio de Janeiro, principalmente em suas zonas de morros, onde se localizam as favelas. Da mesma forma, é interessante observar que normalmente os Céus se localizam em áreas afastadas da cidade, próximas às áreas verdes. O Céu do Mar, que abastece o Céu da Misericórdia com alguns litros de daime por mês, também se localiza numa região de mata, numa estrada do bairro de São Conrado, podendo assim cultivar uma boa quantidade de mariri e chacrona³ para sua quase autossuficiência. Nos quatro anos de existência do ponto, eles costumam fazer um trabalho regular por mês e alguns trabalhos de cura, não muitos porque segundo Tiago “são trabalhos muito fortes”, uma vez que são realizados em “uma área muito sinistra”, onde já aconteceu de acharem pessoas assassinadas na porta da igreja. A convivência com a violência e com a permanente intervenção policial foi um contingente no dia da entrevista, pois havíamos marcado de subir o morro do Complexo do Alemão para que ele me mostrasse alguns grafittis seus lá, no entanto, assim que o encontrei numa estação de trem em Olaria, Tiago me disse que o morro estava “fechado” e que era melhor não subirmos porque mais cedo haviam passado muitos carros da polícia.



Mudas de chacrona (*Psychotria viridis*).

Foto: Gabrielle Dal Molin.

Na casa também existem mudas de *Psychotria viridis*, as quais serão utilizadas posteriormente nos feitiços do daime. A prática de possuir as plantas rituais em jarros em casa é observada por Wagner Gonçalves da Silva (1996), em seu estudo sobre o candomblé na Bahia, no qual ele investiga os itinerários de obtenção dos vegetais sagrados, bem como as ressignificações dos espaços da cidade para que neles possam ocorrer ações rituais. Ainda que no caso do daime seja diferente - posto que se tratam de menos variedades botânicas, de mais difícil cultivo e que demandam uma quantidade grande para que seja feito o chá -, é relevante observar que a vivência da fronteira entre mata e cidade, no sentido simbólico, determina ambos os espaços no sentido geográfico.

Notas

1. Termo usado pelos grafiteiros para se referir ao grupo de pessoas que pinta junto.
2. Nome de origem quéchua para o chá psicoativo geralmente composto pela união do cipó *Banisteriopsis caapi* e da folha *Psychotria viridis*.
3. Nomes dados ao cipó e a folha que compõem o chá.

Referências

- CASSIRER, E. *An essay on man: an introduction to a philosophy of human culture*. Hamburg: Felix Meiner, 2006.
- DAL MOLIN, Gabrielle. Floresta manifesta: arte e imagens da ayahuasca em contextos urbanos brasileiros. 2016. 196f. *Dissertação* (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.
- GELL, A. *Art and agency*. Oxford: Clarendon, 1998.
- MONTEIRO DA SILVA, C. O Palácio de Juramidam. Santo Daime: um ritual de transcendência e despoluição. *Dissertação* (Mestrado em Antropologia Cultural), Universidade Federal de Pernambuco, 1983.
- SILVA, W. G. As esquinas sagradas. O candomblé e o uso religioso da cidade. In: MAGNANI, J. G. C. & TORRES, L. L. (Orgs.). *Na Metrópole*. Textos de antropologia urbana. São Paulo, EDUSP, pp.88-123, 1996.
- BERCÊ, J. O canto e o bailado para a lua cheia: o Santo Daime incorporado à vida urbana de São Paulo. *Dissertação* (Mestrado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.
- INGOLD, T. Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano. In: *Ponto Urbe*, Ano 2, versão 3.0, julho de 2008.

Recebido em 12 de abril de 2017.

Aceito em 16 de junho de 2017.